

SIMPÓSIO 34  
A NEOLOGIA NO SÉCULO XXI  
CASOS DO QUOTIDIANO

COORDENADORES

Ieda Alves  
(Universidade de São Paulo)

Teresa Lio  
(Universidade Nova de Lisboa)

Madalena Teixeira  
(Instituto Politécnico de Santarém/Universidade de Lisboa)



## DO NEOLOGISMO AO EMPRÉSTIMO: A ITÁLIA DESCOBRE O BRASIL? OU O BRASIL DESCOBRE A ITÁLIA?

Lilian Manes de OLIVEIRA<sup>1</sup>

### RESUMO

Uma língua permanece viva enquanto seu léxico se renova. Em contrapartida aos vocábulos que constantemente desaparecem, outros surgem: os *neologismos*. Resultam eles de mecanismos criados dentro da própria língua, ou de itens lexicais oriundos de outros sistemas. Esse segundo grupo constitui os *empréstimos*. Representam eles frutos de relações sociais. Quanto ao português, dos primórdios da sua formação até o início da Idade Moderna, recebeu enorme contribuição do árabe; na Idade Contemporânea, recebeu grande contribuição do francês; nos tempos atuais, sua principal fonte tem sido o inglês. Mas outro idioma surge com expressiva representatividade na contribuição ao português, estendida ao português brasileiro. O presente trabalho tem por objetivo enfocar a presença de tal idioma – o italiano – que, ao final da pesquisa teve o seu quórum de empréstimos contabilizado em 1425 palavras, sem inclusão de derivados nem de compostos. Ressalte-se que a primeira pesquisa lexicográfica brasileira consagrada – a do professor Antenor Nascentes, de 1955 – apontava 383 vocábulos.

PALAVRAS-CHAVE: neologismo; empréstimo; italiano; português; brasileiro

### 1. Era uma vez...

Era uma vez um povo que gostava de navegar (1): construía embarcações que se aventuravam pelo mar (2), levando gente e mercadoria. Navegava até dentro de cidade (3), numa embarcação que recebeu um nome especial (4). Ensinou essa arte a outros povos e, de repente, viu-se suplantado por um deles (5). Tinha o desejo de cruzar o Mar Oceano (6) e chegar a um Novo Mundo. Um de seus filhos o conseguiu (7), mas financiado por um rei e uma rainha estrangeiros (8). Se o fato o abalou, não se fez de rogado, porém de esperto. Acreditando no provérbio “O bom-bocado não é para quem o

---

<sup>1</sup> Rua Tonelero 44/101 - Copacabana, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 22030-002.

faz, mas sim para quem o come”, enviou um de seus navegadores ao continente recém-descoberto, conseguindo dar a este (9) o nome em homenagem àquele (10).

Personagens da trama, pela ordem de entrada em cena: (1) *italiano*, (2) *Mediterrâneo*, (3) *Veneza*, (4) *gôndola*, (5) *espanhol*, (6) *Oceano Atlântico*, (7) *Cristóvão Colombo*, (8) *Fernão de Aragão e Isabel de Castela*, (9) *América*, (10) *Américo Vespúcio*.

Uma relação indireta Itália-Brasil já se revelava na época medieval. Segundo Mansur Guérios (1973), os genoveses eram peritos da arte náutica. Ele corrobora a afirmativa de Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1964), segundo a qual foram estes os mestres dos portugueses na navegação do Mediterrâneo. Daí termos como *piloto*, *prova*, *escolha*, *amainar* – termos ligados à navegação, serem de origem italiana (Guérios, 1973). Afirma Sérgio Buarque de Holanda (2002): “O espírito da colonização portuguesa é um prolongamento, através das grandes rotas do Atlântico, da ação dos seus predecessores e, por muito tempo, seus mestres: os navegadores italianos da Idade Média.” Eram genoveses, venezianos ou florentinos os participantes de expedições portuguesas anteriores à descoberta da América. O próprio Cristóvão Colombo esteve a serviço de Portugal, onde viveu de 1476 a 1484, casando-se em Lisboa, em 1477, com Filipa Perestrello, filha de Bartolomeo Perestrello, que veio a ser donatário da capitania de Porto Seguro.

Dentro do Novo Mundo, surge uma nova descoberta: o Brasil atrai a atenção dos europeus. E não poderiam deixar de despertar interesse nos italianos, que para aqui vieram, como marinheiros, cartógrafos, missivistas, informantes, colonizadores.

Presença italiana marcante aflora na cartografia do século XVI. Os primeiros mapas que registram a existência do Brasil são italianos ou de inspiração italiana. O mais antigo, de 1502, tem como autor Alberto Cantino, comerciante veneziano. Junto ao desenho do litoral brasileiro, há uma inscrição que descreve fatos relativos à chegada de Cabral e a algumas características da terra e do povo brasileiro. Encontra-se na Biblioteca Estense, em Modena, Itália. Ronaldo Vainfas (2000) afirma que “pela precisão cartográfica poderia presumir um descobrimento do Brasil anterior à expedição de Cabral”. A imprensa carioca veiculou que o primeiro mapa impresso do Brasil data de 1556, também de autor veneziano, Giovanni Batista Ramusio, que nunca esteve no Brasil. Uma cópia de tal raridade foi leiloadada na sede do Jockey Club Brasileiro, em 5 de dezembro de 2001 (*O Globo*, 3/12/2001).

Desde a sua fundação, a cidade do Rio de Janeiro teve a participação italiana. Giuseppe Adorno, um dos cinco irmãos Adorno, que estiveram no Brasil, lutou ao lado de Estácio de Sá contra os franceses. Recebeu sesmarias em Niterói e no interior fluminense.

Américo Vesúpcio, o navegador florentino que deu nome à América, foi o primeiro a avistar a Floresta da Tijuca, em 1502, quando passou pelo Rio de Janeiro. Chamou-a *Paraíso Terrestre*. Referiu-se ao pau-brasil, em italiano denominado *verzino*, com fonte promissora de riqueza econômica.

## **2. Era outra vez...**

A imigração italiana iniciou-se no século XIX, motivada por um acordo entre o Reino das Duas Sicílias e a Corte. O Brasil também atraiu a atenção de refugiados políticos e aventureiros.

O acontecimento importante desse século na Itália foi o *Risorgimento*, movimento da unificação italiana, que teve como líderes Garibaldi, Cavour e Mazzini, o primeiro dos quais participou no Brasil da Revolução Farroupilha.

O grande nome da imigração italiana foi Teresa Cristina, Princesa das Duas Sicílias, que se tornou Imperatriz do Brasil, ao casar-se com D. Pedro II. Chegou ao Rio de Janeiro aos 21 anos. Não quis somente atrair os compatriotas do reino de Nápoles, mas também todos os da Península, como comprova a vinda para o Rio Grande do Sul de habitantes de Concordia e Modena, no final do século XIX. Por causa da febre amarela, pararam no Rio de Janeiro e fundaram a cidade de Porto Real, vizinha a Barra Mansa. A cidade fluminense de Teresópolis (cidade de Teresa) a homenageia em sua denominação.

Dona Teresa Cristina contribuiu com grande quantia para a Sociedade de Beneficência, a qual não chamou de Sociedade Napolitana, uma vez que tinha consciência da unidade histórica da Itália, conceito revolucionário para a época em toda a Europa. A Imperatriz Maria Teresa Cristina de Bourbon de Nápoles foi responsável por parte do tesouro arqueológico brasileiro, tendo trazido, em sua vinda, 795 peças arqueológicas de Pompeia. Seu papel na vida cultural do Rio de Janeiro levou o diretor do Istituto Italiano di Cultura, professor Franco Vicenzotti, a considerar injusta a

escolha de São Paulo para a realização da mostra pompeana, ressaltando o conceito errôneo vigente na Itália, que privilegia a presença italiana na cidade paulistana, em detrimento da carioca.

Qual Mecenas, padroeira das Artes, Teresa Cristina foi a responsável pela formação do maior compositor americano do século XIX: o brasileiro Carlos Gomes. Paulista de Campinas, ele chegou a Milão por intermédio de uma bolsa de estudos, conseguida graças à influência da imperatriz brasileira, filha do rei de Nápoles. A exigência da autoria de uma obra no período inicial da bolsa concretizou-se na ópera *O Guarani*, encenada com sucesso no Teatro Scala de Milão, em 1870, e mais onze vezes nesse mesmo ano. Milão era a capital da ópera, na época. Verdi a considerou escrita por um *vero genio*. Aos 34 anos, o gênio brasileiro recebeu do rei Vittorio Emmanuele II a comenda de Cavaleiro da Coroa da Itália. Os críticos atribuem o primeiro lugar ocupado por Carlos Gomes, no cenário americano, não só à sua genialidade, como também à oportunidade de realizar na Itália estudos que o ensinaram a desenvolver com maestria as habilidades do bel-canto.

A imigração italiana no Brasil recrudescer a partir de 1877, motivada pela anexação do reino de Nápoles ao reino da Itália. O desenvolvimento comercial do Norte italiano provocou o êxodo dos habitantes do Sul. O porto do Rio de Janeiro passou a receber inúmeros calabreses apoiados pelas sociedades que aqui se formaram, com o incentivo da imperatriz. Instalados em diferentes bairros, tiveram um grande núcleo na Gávea; a Gávea antiga compreendia também Jardim Botânico, Ipanema e parte da Barra. Até o início do século XXI, no Jardim Botânico havia uma livraria denominada “Ponte de Tábuas”, homônima de um bar que ali existiu, onde reinava a alegria: discutia-se música, blocos, retretas.

### **3. Era o *parlare* que virou falar...**

Muitos pesquisadores concordam que os estudos sobre a presença italiana no Rio de Janeiro a relegaram a segundo plano, em detrimento da cidade de São Paulo. A historiadora Izabel Mazini (Silva, 2015) atribui tal esquecimento ao fato de ter o Rio de Janeiro uma cultura portuguesa mais forte. Já o acadêmico Marco Lucchesi ressalta que “Muitos dos italianos que chegavam ao Brasil não conseguiam falar com os outros

porque falavam dialetos. O interessante é que a Língua Portuguesa serviu para eles como uma espécie de esperanto ou de língua franca.” (Pelusi, 2015)

Ao Brasil aportados, trouxeram os italianos seus hábitos alimentares: beber vinho, muito vinho – e o clima frio do Sul propiciava o florescimento dos vinhedos-, comer espaguete, polenta.

O pós-guerra importou a pizza – hoje já tornada um prato nacional; incorporada ao cardápio brasileiro, se conservou as suas modalidades de origem – calabresa, marguerita, napolitana – também incorporou as modificações do país onde desembarcou: de goiabada, de banana, com açúcar e canela etc.

São Paulo exportou para o resto do País a culinária dos *oriundi* e o Rio de Janeiro aceitou o desafio. Se alguns *experts* cariocas resistem à incorporação do tomate seco às massas ou sanduíches (“coisa de paulista”), tal incorporação já se fez realidade no cardápio da Cidade Maravilhosa.

A influência italiana na culinária carioca se reflete não só nos seus pratos, mas também na proliferação dos restaurantes típicos da Bota, cujos nomes já não soam mais como estrangeiros àqueles que os frequentam: Artigiano, Cantina Donnana, Capricciosa, Cipriani, Da Brambini, D’Amici, Don Camillo, Duo, Fasano, Fiorentina, Forneria São Sebastião, Fratelli, Gabbiano Al Mare, Gero, La Pastasciutta, Luigi’s, Osteria Dell’Angolo, Osteria Policarpo, Pomodorino, Stravaganze, Quadrifoglio, Trattoria, Trattoria del Borgo, Turino. Atualmente tal influência se projeta no grande número de sorveterias com nomes italianos, que apregoam fabricar *il vero gelato italiano*.

#### **4. E vida longa ao empréstimo...**

O empréstimo origina-se da transposição para outra cultura de objetos, conceitos e situações. A língua receptora acomoda ou adapta o termo ao seu sistema. Surgem como dificuldade à importação os hábitos fonéticos e a correlação entre fonemas e grafemas.

Segundo Ieda Maria Alves (1984), o termo estrangeiro percorre uma fase neológica, situada entre o estrangeirismo e o empréstimo, a qual corresponde à sua instalação no sistema de uma língua. Essa fase de integração pode ser constatada por

meio de três critérios: morfossintático, semântico e fonológico.

Quanto ao critério morfossintático, ressaltem-se os seguintes aspectos:

- a) a derivação: antiMussolini; felliniano, em que a base estrangeira se aglutina a um prefixo ou sufixo vernáculo;
- b) a classe gramatical: cartela, ferrovia (s.); diletante (adj.); apolentar (v.). A maior parte dos empréstimos ao português pertence à classe dos substantivos; alguns, à dos adjetivos ou verbos;
- c) o gênero e o número. Geralmente, os empréstimos integram-se ao sistema flexional de gênero e número da nova língua. Do italiano para o português, por terem as línguas casos lexicogênicos diferentes (nominativo/acusativo, respectivamente), houve sempre essa adaptação: *trattoria/trattorie*; *tratoria/tratorias*; *lasagna/lasagne*; *lasanha/lasanhas*. Por vezes, houve o esquecimento de a forma já ser plural, interpretando-a como singular e pluralizando-a novamente: *broccolo/broccoli*; o/os brócolis; *gnocchi/o* nhoque/os nhoques;
- d) o decalque ou calque: versão literal do elemento estrangeiro para a língua receptora: *mani pulite*/mãos limpas; *buona gente*/boa gente; *caulifloro*/couve-flor.

Quanto ao critério semântico, ressalte-se que um empréstimo se integra à nova língua, quando adquire um valor polissêmico. É o caso de *máfia*, que, significando uma organização específica, adquiriu um valor pejorativo, ou de *famiglia*, que, ainda não se adaptando à grafia portuguesa, se opõe ao português *família*, por apresentar também um valor pejorativo.

Ressalte-se que um caminho inverso foi percorrido pelo italiano *ciao*, que em português se transformou em *tchau*. Porém seu significado modificou-se: em italiano, é uma saudação de chegada e de partida; em português, conservou somente o significado de partida.

Quanto ao critério fonológico, segundo Mattoso Câmara (1975), o termo estrangeiro tende a adaptar-se ao idioma que o recebe. Essa adaptação fonética é, por vezes, seguida pela escrita. *Pizza* conserva sua grafia de origem, mas sua pronúncia já se encontra totalmente integrada aos hábitos linguísticos do português; *spaghetti* já aparece com duas formas – italiana e portuguesa-: *espaguete*. Em Fiorani (2002), encontra-se uma alteração fonética do prefixo, quando ele cria *reassunto*, modificação



do italiano *riassunto* (resumo). O vocábulo italiano ganhou, pois, um prefixo português, substituto do italiano original.

#### **4.1 E vida longa ao italianismo...**

Neste estudo, que visa a registrar a contribuição italiana ao português brasileiro, conceituou-se o termo *italianismo* como vocábulo ou expressão oriundos do italiano, ou por ele veiculados a partir de outra língua, presentes no português, quer conservando sua grafia de origem, quer adaptando-a à grafia luso-brasileira. Considerou-se italiano tanto o idioma oficial, quanto as suas variantes dialetais. Pretendeu-se elencar italianismos já dicionarizados e aqueles que, embora não-dicionarizados, têm sido veiculados na mídia falada e escrita. Quanto aos dicionarizados, os pontos referenciais extremos foram o *Dicionário etimológico de Antenor Nascentes* (1955) e o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (1999), da Academia Brasileira de Letras, em sua 5ª. edição.

Verificou-se que o primeiro italianismo registrado no português do Brasil foi *ennastrado*, significando amarrado com fita de tecido. O vocábulo foi compilado pelo filólogo A.G. Cunha (1999), que o constatou na obra de Pero Magalhães de Gandavo, (1924), cuja primeira edição data de 1576.

Segue um elenco de vocábulos que apresentam alguma curiosidade no seu trajeto Itália-Brasil:

##### **4.1.1 Vocábulos introduzidos no português entre os séculos XIII e XVI e que aí permaneceram:**

Agência, alarme, alteza, belvedere, embaixada, empresa, girafa, malagueta, regata, terremoto.

##### **4.1.2. Vocábulos surgidos nos dois últimos séculos (XX e XXI):**

Aggiornamento, capuchino, desparagonar, dressa, ferrovia, muçarela, ombrelone, reassunto, risoto, tiramisu.

#### 4.1.3 Vocábulos que têm uma história curiosa:

Baderna, banco, casa da mãe joana, gelosia, gueto, máfia, marguerita, notas musicais, tarantela totalitário.

#### 4.1.4. Vocábulos que apresentam curiosidades:

- morfológicas: paparazzi, oriundi;
- gráficas: aggiornamento, famiglia, imbróglio

#### 4.2 E a produtividade do empréstimo assegura a sua longevidade...

Após sua entrada na língua, o comportamento do empréstimo, por vezes, imita o comportamento dos vocábulos vernáculos. Assim, o substantivo italiano *polenta* recebe um prefixo latino (-a) e um sufixo verbal (ar), já incorporados ao português, formando o verbo *apolentar*. O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos (2005) registrou, pelo mesmo processo, o verbo *desparagonar* (não-dicionarizado), ao escrever em sua crônica “*Desparagone a página certinha*”. Paragonar (Ferreira, 1999) significa comparar, cotejar, assemelhar.

A sigla estrangeira também pode gerar empréstimos lexicais. Traçando-se, por exemplo, a etimologia da palavra *máfia*, hoje substantivo comum, perfeitamente integrado ao sistema linguístico português, verifica-se a possibilidade de ela provir da sigla italiana **MAFIA** (“*Morte ai francesi Italia anela*”/A Itália deseja a morte dos franceses), caracterizadora da repulsa peninsular à presença francesa, em seu território, no século XIX; essa é uma etimologia que tem respaldo no repertório oral italiano. Não é, entretanto, uma etimologia pacificamente aceita. Ferreira (1999) aponta sua origem no dialeto siciliano e como seus derivados *mafia* e *mafioso*. Observe-se, também, a produtividade na extensão do seu significado. Inicialmente representativa da cultura italiana, após incorporar-se ao português transformou-se num substantivo comum e atualmente encontra-se com frequência associada a adjetivos diferentes: máfia russa, máfia colombiana, máfia do INSS.

## 5. Conclusão

Um país sem colônias. Uma língua não ensinada nos currículos escolares. E, no entanto, uma influência cultural marcante, expressa por um léxico de mais de mil palavras. O roteiro Itália-Brasil, de raízes no trajeto Itália-Portugal, inicia no Renascimento e chega até os dias atuais, trazendo consigo uma grande contribuição em diferentes áreas de conhecimento e enriquecendo amplamente o vocabulário do português brasileiro. O empréstimo é o neologismo que deu certo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, Ieda Maria. 1984. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. São Paulo: *Alfa*, 28 (supl.).
- Amado, Janaína e Figueiredo, Luiz Carlos. 2001. *Brasil 1500 Quarenta documentos*. Brasília: UNB, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Araújo, Regina. 2009. *Observatório de geografia: fronteiras e nações*. São Paulo: Moderna.
- Câmara Jr. Joaquim Mattoso. (1975). *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.
- Cenni, Franco. s/d. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins.
- Corrêa, Marcos de Sá *et al.* 2001. *Parque Nacional da Tijuca*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- Costa, Sérgio Corrêa da. 2000. *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro, Record.
- Cunha, A.G. 1999. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Faraco, Carlos Alberto. (Org.). 2001. *Estrangeirismos*. São Paulo: Parábola.
- Fausto, Boris. 2001. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. *Novo Aurélio XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fiorani, Sílvio. 2002. A vida é assim. In: Kiefer, Charles *et al.* *Pátria estranha- História de peregrinação e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Freitas, Cyanéa T. de. 2002. *A cozinha italiana*. São Paulo: Melhoramentos.

- Gandavo, Pero de Magalhães. 1924. *I. Tratado da Terra do Brasil. II. História da Província Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Edição do Anuário de Brasil.
- Garzanti. 1984. *Il nuovo dizionario*. Itália: Garzanti.
- Guérios, R.F. Mansur. 1973. Os empréstimos italianos da língua portuguesa. In: 4º. *Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro.
- Holanda, Sérgio Buarque de. 2002. *A contribuição italiana para a formação do Brasil*. Organização e tradução de Andréia Guerini. Florianópolis: NUT/NEIITA/UFSC.
- Houaiss, Antônio *et al.* 2001. *Dicionário HOUAISS da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Magno, Giuseppe. 1999. A importância e a contribuição dos italianos e descendentes no desenvolvimento brasileiro: Teresa Cristina. *Italiãmica*, n.4.
- Michaelis. 1998. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Moreira Neto, Carlos Araújo. 1983. Presença de italianos no processo histórico brasileiro. In: Ribeiro, Berta *et al.* *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Index.
- Nascentes, Antenor. 1955. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- Oliveira, Lilian Manes de. 2010. *Non ti scordar di me: presença de italianismos no português do Brasil*. São Paulo: Annablume.
- Oliveira, Lúcia Lippi. 2001. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Pelusi, Stefania. 2015. O Rio através do olhar poético dos italianos. *Comunità Italiana*. Rio de Janeiro.
- Pimenta, Reinaldo. 2002. *A casa da mãe Joana*. Rio de Janeiro, 2002.
- Pisani, Vittore. 1947. *L'Etimologia*. Milano: Renon.
- Ribeiro, Berta *et al.* 1983. *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro, Index.
- Santos, Joaquim Ferreira dos. 2005. Glauco e Lurdinha. *O Globo*, 06 set.
- Silva, Deonísio da. 1997. *De onde vêm as palavras?* São Paulo: Mandarim
- Silva, Rodrigo. 2015. Italianos no Rio: uma história fundamental. *Comunità Italiana*. Rio de Janeiro.
- Vainfas, Ronaldo. 2000. Um descobrimento suspeito. Rio de Janeiro: *Jornal de Brasil*, 22 abr.
- Vanni, Julio Cesar, 2000. *Italianos no Rio de Janeiro*. Niterói: Comunità.

Vasconcellos, Carolina Michaëlis de. (1964). *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Ventura, Zuenir. 2003. *Operação mãos-dadas*. Rio de Janeiro: *O Globo*, 11 out.

Verissimo, Luís Fernando. 1995. *Origens*. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 26 ago.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2009. Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Global.

Weyrauch, Célia Schiavo. 2003. *Forasteiros construtores da modernidade*. Rio de Janeiro: Terceiro Tempo.



## A NEOLOGIA – REFLEXÃO SOBRE A VARIAÇÃO E A INSTABILIDADE CONCEPTUAL

Madalena CONTENTE<sup>2</sup>  
Maria Teresa Rijo da Fonseca LINO<sup>3</sup>

### RESUMO

A neologia terminológica (neonímia) exige uma observação constante da língua por parte de terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos; hoje, essa análise incide sobre diferentes tipos de corpora escritos e orais de línguas de especialidade ou de corpora lexicográficos. A neologia terminológica e a variação participam simultaneamente na inovação dos sistemas terminológicos e na terminologia diacrónica.

Existe um grande número de neónimos de discurso relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados. Esta dinâmica conceptual observa-se nos corpora textuais, em determinados tipos de textos, com um carácter de informação, divulgação e prevenção de algumas doenças ou epidemias; alguns fenómenos de instabilidade terminológica são um reflexo da instabilidade conceptual e/ ou científica em determinados domínios da Medicina, como a epidemia Ébola.

Neologismos terminológicos são criados para denominar novos conceitos e/ou novas particularidades cognitivas e mudanças conceptuais relativos, eventualmente, à evolução de um conceito.

**PALAVRAS-CHAVE:** neologismo, neonímia terminológica, neologismo terminológico, variação terminológica, instabilidade conceptual.

### 1. Introdução

O dinamismo constante da investigação médica tem como consequência a criação de novos conceitos que se traduzem por designações novas, isto é, neologismos terminológicos ou neónimos.

A neologia terminológica (ou neonímia, termo criado por Rondeau, em 1981) e a variação terminológica são, hoje, objeto de estudo da Terminologia. Em 1984, Rondeau teoriza a neologia, no quadro da diacronia, pelo facto deste fenómeno estar ligada ao dinamismo das línguas; nesta ótica, o autor apresenta a seguinte reflexão: «si l'on

---

2 Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

3 Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

considere le néologisme terminologique dans sa spécificité, il se distingue du néologisme lexical de la langue commune aussi nettement que le terme se distingue du mot» (1984; 122).

Mais tarde, Sager (1997) também formulou a sua própria teoria sobre a neologia terminológica, referindo-se à formação terminológica primária da neónimia de origem ou de criação e a secundária de denominação ou de transferência.

As novas epidemias, nomeadamente a do *vírus Ébola*, manifestaram-se numa instabilidade conceptual e linguística. Este processo refletiu-se na língua de especialidade, tendo como resultado a criação de neónimos para denominar novos conceitos e novas mudanças cognitivas.

Assim, neónimia e a variação são uma consequência da criação e da evolução do conceito e parte integrante do processo neológico; são responsáveis pela instabilidade linguística e, simultaneamente, pela renovação dos sistemas terminológicos.

## **2. Neologia terminológica e variação terminológica**

A neologia terminológica (neónimia) e a variação terminológica exigem uma observação constante da língua.

A Terminologia é um campo multidisciplinar que tem como missão facilitar não só a comunicação científica e técnica nacional e internacional, mas permitir também o desenvolvimento e implementação das línguas de especialidade, nas suas funções de comunicação de saberes especializados.

Os léxicos de especialidade estão directamente dependentes da instabilidade conceptual e terminológica e, conseqüentemente, apresentam um grande número de neónimos de discurso relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados. Na comunicação de uma inovação científica, observamos, por vezes, uma instabilidade a nível do conceito, da sua descrição científica, mas também uma variação denominativa com carácter neológico.

A identificação dos neologismos terminológicos não é uma tarefa fácil nem na língua corrente, nem nas línguas de especialidade; esta identificação pode ser feita através de vários processos: o critério da diacronia ajuda a recuperar os neologismos



que surgem, em *corpora* textuais, num período recente e num curto espaço de tempo; o critério lexicográfico: verificação da dicionarização de uma nova unidade terminológica nos dicionários especializados ou terminológicos; o critério da novidade: uma unidade é sentida como nova pelos locutores de uma comunidade apesar de não estar dicionarizada; o critério da instabilidade: um novo conceito é denominado alternadamente por duas ou mais formas neológicas diferentes o que conduz a uma variação terminológica denominativa, por vezes com um carácter sinonímico.

O neologismo terminológico é rapidamente aceite pela comunidade científica ao contrário do neologismo da língua corrente que tem um tempo de implantação mais longo. Por outro lado, o neologismo terminológico é registado em bases ou bancos de terminologia, num curto espaço de tempo; mas esta rapidez de implantação e de registo nem sempre é acompanhada pela sua dicionarização.

Os critérios de delimitação de um neologismo terminológico são, hoje, muitas vezes, inoperantes. Assim, a fronteira entre neologismo terminológico, novo termo e termo é muito ténue.

A neologia e a variação resultante do fenómeno neológico participam na diacronia terminológica, num curto período sincrónico; traduzem a evolução rápida de um conjunto de termos médicos, em consequência de uma evolução conceptual e semântica num curto espaço de tempo. A neologia e a variação terminológica manifestam-se em discurso, através de várias designações relativas a um mesmo conceito.

Assim, a neónimia implica diversos aspetos que devem ser observados:

- i) novo conceito;
- ii) nova particularidade do conceito.
- iii) instabilidade conceptual;
- iv) estabilidade conceptual;
- v) variação conceptual;
- vi) evolução conceptual.
- vii) estabilidade terminológica;
- viii) instabilidade terminológica;
- xix) variação terminológica.

Nesta investigação, a seleção dos neónimos e dos novos termos foi feita em *corpora* de níveis de especialização diferentes:

- a) altamente especializados (artigos científicos de especialistas);
- b) semi-vulgarizados (profissionais de saúde);
- c) vulgarizados (comunicação social).

Os textos da imprensa diária, sobre o surto da *Epidemia do Ébola*, foram integrados num sub*corpus* que integra textos científicos vulgarizados; posteriormente, com a ajuda do software *Antconc* foi efectuado o levantamento de alguns neologismos terminológicos que apresentam fenómenos de instabilidade terminológica, como por exemplo:

*Vírus do Ébola*

*vírus do ébola*

*Vírus Ébola*

*vírus ébola*

*Ebolavírus*

*ébola vírus*

doença por vírus **Ébola**                      doença por vírus *ébola (var.BR)*

doença do vírus **Ébola** ; sigla: DVE

doença viral de Ébola

*Ebolavirose* sigla : DVE

*febre hemorrágica do Ébola* sigla: *FHE*

*sintomas do Ébola*

*transmissão do Ébola*

*tratamento do Ébola*

*cura do Ébola*

O potamónio Ébola (rio do Congo) está na base da criação destes neologismos terminológicos, candidatos a termos. Durante algum tempo, estes neologismos terminológicos coexistiram não harmonizados.

Alguns destes neologismos têm processos de formação idênticos aos novos termos que passamos a apresentar:

*Vírus de Marburg*

*Vírus de Marburgo*

*Marburgvirose* sigla: *MARV*

Podemos observar vários neologismos terminológicos com diferentes tipos de variantes:

- a) gráficas: *Vírus do Ébola*, *vírus do ébola*, *Vírus Ébola*, *vírus ébola*
- b) morfossintáticas: *Ebolavírus*, *ébola vírus*, *vírus do ébola*
- c) norma europeia/ norma brasileira: doença por vírus **Ébola (PT)** ; doença por vírus **ébola (BR)**

Paralelamente, trabalhámos um subcorpus de textos científicos que apesar de serem escassos em português, existem alguns que do ponto de vista da sua temática são pertinentes. Assim, transcrevemos uns contextos, extraídos de um artigo científico publicado na edição de setembro/outubro de 2014, na *Acta Médica Portuguesa*, sobre o vírus Ébola, da autoria do Professor Jaime Nina, da Unidade Tropical do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT).

*«Ebolavirose, tal como a Marburgvirose, são zoonoses africanas, e para ambas o reservatório animal primário são morcegos. São febres hemorrágicas agudas típicas, caracterizadas por uma elevada taxa de letalidade. Num surto, o caso index humano infecta-se por contacto com um animal infectado, na maioria dos casos numa caçada. Os casos humanos secundários infectam-se por contacto próximo com um caso humano, com os seus fluidos corporais ou com um cadáver recente de um caso humano. São vírus que se transmitem facilmente por contacto directo com um caso infectado, ou por contacto com os seus fluidos corporais, basicamente com o sangue. Por isso, profissionais de saúde a trabalhar em condições subóptimas constituem uma percentagem elevada das vítimas do Ébola. De momento, o tratamento disponível é apenas de suporte, mas vários fármacos serão ensaiados em humanos a curto prazo. Também ainda não existe vacina aprovada, mas várias prometedoras já se encontram no pipeline».*

São contextos que apresentam vários aspectos que traduzem os traços conceptuais do conceito *Ebolavirose*, permitindo elaborar uma definição terminológica.

Nos diferentes tipos de *corpora* textuais, podemos observar o termo *Ebolavírus* em vários subdomínios:

- i) Epidemiologia;
- ii) Diagnóstico;
- iii) Prevenção e Controlo;
- iv) Tratamento.

A harmonização conceptual é feita pela comunidade científica e, frequentemente, assume um carácter internacional; no entanto, em vários domínios do conhecimento, o conceito é sensível a elementos de cultura e a estruturas da sociedade.

Esta harmonização conceptual tem consequências sobre a harmonização terminológica e, conseqüentemente, sobre a língua de especialidade de um sistema linguístico. Assim, os textos analisados apresentam uma certa complexidade nos fenómenos de neologia terminológica, onde podemos observar novas denominações não estabilizadas da epidemia, da doença, dos seus sintomas e das suas causas.

Em consequência desta instabilidade conceptual e terminológica, os especialistas têm necessidade de harmonizar e /ou normalizar conceitos e termos que utilizam na sua comunicação especializada.

Os neologismos acima mencionados participam simultaneamente da neologia formal e da neologia por empréstimo e até certo ponto de particularidades da neologia semântica.

### **3. Mediação da língua e da comunicação médicas**

A comunicação médica não se resume apenas à relação médico-médico (entre especialista-especialista); é uma troca complexa entre o médico e o seu paciente; é uma troca complexa entre o meio e a comunidade, em geral; por isso, os médicos devem estar conscientes da importância da língua na comunicação.

Durante o período epidemiológico do *vírus do Ébola*, aconteceram diferentes tipos de comunicação médica ou no âmbito da saúde pública nacional e internacional: o surto epidemiológico situou-se no continente africano; mas existiram várias situações de contágio, em virtude das ONGs presentes na ajuda e prevenção, assim como dos diversos colaboradores enfermeiros e médicos dessas instituições terem sido evacuados para o continente europeu e americano, para tratamento e, conseqüente, estudo epidemiológico.

No âmbito destes tipos de comunicação, entre vários atores sociais e diferentes profissionais da saúde, podemos falar em *mediação*, termo polissémico no quadro da língua e da comunicação médicas.

Podemos observar fenómenos de *mediação* entre:

- a) especialistas de uma comunidade científica;
- b) comunidade científica nacional e comunidade internacional;
- c) locutores e especialistas de um domínio científico;
- d) profissionais de saúde;
- e) terminólogo e especialista do domínio;
- f) médico e paciente.

Mas os fenómenos de *mediação* podem existir noutros momentos tais como:

- a) harmonização e normalização terminológicas;
- b) tradução médica de diferentes tipos de textos.

Qualquer comunidade é, fundamentalmente, pluricultural e constrói-se graças ao contacto entre diferentes grupos que refletem a sua maneira de pensar, de sentir e de agir. As trocas culturais não produzem todos os efeitos nem consequências, mas é a partir destes contactos que acontece a mestiçagem cultural e a hibridação cultural.

A Medicina tem, hoje em dia, relações estreitas com outras ciências ou ramificações do saber conexos. A interdisciplinaridade e a dinâmica da produção científica internacional justificam, em grande parte, a diacronia rápida da língua e da terminologia médicas.

O terminólogo é um mediador, no trabalho de harmonização realizado em equipa, em colaboração entre terminólogos e especialistas de uma comunidade científica; mas existe também uma mediação no trabalho de normalização terminológico institucional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Ieda (Org.). *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo, Paulistana, CNPq. 2010.

BÉJOINT, Henri et THOIRON, Philippe. *Le sens en terminologie*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, Travaux du Centre de Recherche en Terminologie et Traduction, Université Lumière – Lyon 2, 2000.

CONDAMINES, A. (2005) *Sémantique et corpus*, Paris, Hermes, Lavoisier.

CONTENTE, Madalena. *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Colibri, 2008.

CONTENTE, Madalena e LINO, Teresa «A Neologia na Terminologia Médica: empréstimos entre subsistemas», in *Cineo 2011- Neologia das Línguas Românicas*, Alves, Ieda Maria e Pereira Eliane Simões (org.), São Paulo, CAPES – HUMANITAS, ISBN: 978-85-7732-289-3, pp. 863- 876, 2015.

LINO, Teresa, CONTENTE, Madalena, *et ali* (PT Portugal), Darras, Xavier (Coord.) *Vocabulaire panlatin du développement durable*, site de l'Office québécois de la langue française à l'adresse [http://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/bibliotheque/dictionnaires/panlatin\\_ddurable\\_20150330.pdf](http://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/bibliotheque/dictionnaires/panlatin_ddurable_20150330.pdf), ISBN version électronique : 978 -2 – 550 – 72192 – 5, 2015.

LINO, Teresa, CONTENTE, Madalena, «Les systèmes terminologiques en médecine et le travail terminologique intra- et interlinguistique: Processus de médiation», in *Adaptations aux diversités: médiation et traductions, approches interdisciplinaires – Adapting to Diversity: Interdisciplinary approaches to mediation and translation*, Glat, 2014, Brest, Télécom-Bretagne, ISBN: 978-2-908849-25-9, pp. 92-101, 2015.

LINO, Teresa “De la néologie à la lexicographie spécialisée d'apprentissage”, *Cahiers de Lexicologie* 78 - Hommage à Robert Galisson, Paris, Honoré Champion, 2001, p.139-145.

LINO, Teresa. “Lexicographie de spécialité Plurilingue – Médecine et Pharmacologie en Langues Néolatines” in *Actes du séminaire interlatin de San Millan in la Cogolla*. 2003.

LINO, Teresa (coord.)“Vocabulaires de spécialité et lexicographie d'apprentissage en langues-cultures étrangères et maternelles”, *Etudes de Linguistique Appliquée* 135, Paris, Klincksieck, Didier Erudition. 2004.

LINO, Teresa e PRUVOST, Jean (coord.) *Mots et Lexiculture – Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré Champion. 2003.

LINO, Teresa. « Néologie et polysémie dans la terminologie médicale », *Actes Mots de la Santé*, Université Lumière – Lyon 2, Lyon. 2007.

LINO, Teresa. “Idiomaticité en portugais d'un point de vue de la terminologie: collocations terminologiques et néonymie”, in *Actes du Colloque Idiomaticité des Langues Romanes*, Paris, Université de Paris 8, le 11 et 12 décembre 2009. 2010.

LINO, Teresa, CHICUNA, Alexandre, GRÔZ, Ana Pita., MEDINA, Daniel. “Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas”, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12(2)Universidade de S. Paulo. 2010.

NINA, Jaime, «Ebolavírus: a 2014 Review for clinicians», In *Acta Médica Portuguesa*, edição de setembro/outubro de 2014; 27 (5): 625-633.

QUEMADA, Bernard. “Lexicographie”, *Lexicon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, vol.V, I Tübingen, Max Niemeyer. 1990.

RONDEAU, Guy, *Introduction à la terminologie*. Chicoutimi : Gaëtan Morin éditeur, 1984.

SAGER, Juan Carlos. «Term formation» In: WRIGHT, S. E. ; BUDIN, G. (eds.) *Handbook of terminology management*. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, v. I, 1997, pp. 25-41.